

# FILOSOFIA DA GEOGRAFIA

## UMA HIPÓTESE ONTOLÓGICA

*(Epistemologia da Geografia I)*

### *Philosophy of Geography: an ontological hypothesis*

**Marquessuel Dantas de Souza**

Graduado em Geografia. Faculdade de São Paulo. São Paulo-SP

[marquessuelgf@gmail.com](mailto:marquessuelgf@gmail.com)

*Ao eminente professor doutor geógrafo Élvio Rodrigues Martins*

#### **Resumo**

O presente texto apresenta de forma audaciosa uma breve reflexão filosófica sobre o papel, a importância e o fundamento da Geografia no e para o mundo. Evidenciando a perspectiva ontológica como metodologia fenomenológica em busca do ser-do-homem no geográfico ou na geograficidade. Não obstante, o manuscrito busca chamar atenção para aqueles que estudam e fazem a Geografia Científica dizendo que a Geografia é um conhecimento nobre e supremo quando da análise do real no contexto cultural dos povos de diversas nações em variados lugares existentes no mundo. Portanto, este manuscrito se constitui um estudo epistemológico outro no que concerne à ciência geográfica, uma vez que evoca uma filosofia geográfica.

**Palavras-chave:** Filosofia da Geografia. Ontologia. Geografia do Homem.

#### **Abstract**

This paper presents a brief boldly philosophical reflection on the role, the importance and the foundation of the Geography and the world. Evidencing the ontological perspective as phenomenological methodology in search of be of the man in the geographical or geographicity. Nevertheless, the manuscript seeks to draw attention to those who study and make the Scientific Geography saying that geography is a noble and supreme knowledge when the actual analysis in the cultural context of the people of various nations in various existing places in the world. Therefore, this manuscript is an epistemological another study concerning the geographical science since it evokes a geographical philosophy.

**Keywords:** Philosophy of geography. Ontology. Human Geography.

## APRESENTAÇÃO: CRÍTICA AO DISCURSO GEOGRÁFICO

Ao propor uma investigação em termos filosóficos no âmbito da Geografia Científica, há uma preocupação evidente em buscar os fundamentos essenciais gerais e sistemáticos da Ciência Geográfica. A idéia de especializações (por todo separado, assim consideramos) ou fragmentações cada vez mais em demasia no saber científico causa uma depreciação e falta de compromisso para com a verdade nas ciências humanas sociais e ciências naturais. Algo que nos preocupa muito, assim acreditamos. Partindo desse pressuposto, temos em mente a falta e a falha enormemente fixadas que o conhecimento para com o bem da humanidade possui quando da metodologia adotada e praticada em todos os mais variados ramos da ciência atual. O desrespeito para com o *ser* ontologicamente torna-se um absurdo em termos de grandeza científica, positivamente (algo que difere dos ideais do iluminismo). Uma vez que estudar o ser de modo metafísico se tornou fictício. Ou seja, o modo como o saber científico se manifesta hoje é outro quando voltamos nosso olhar para os tempos de outrora. Quer dizer, o empirismo dogmático com o ceticismo materialista apaixonado é o valor supremo da atualidade. Com efeito, refutamos esta idéia capciosa, exagerada e subversiva. Neste contexto, perguntemos então onde se encontra o ser-do-homem, qual seu valor ético/moral e em que consiste sua vida como ser-total ontologicamente? Qual seu papel dentro da teia social humana com suas relações efetivas e na qual sua razão se perdeu diante da modernidade burlesca, ou melhor, uma modernidade que se deixa enganar por mediocridade e hipocrisia sem fundamento real, apenas visando o imediato sem uma midiatização para com as coisas do mundo, infligindo uma barbárie, contudo, envolvendo evidentemente o ser-do-homem em sua plena potência?

Onde está o homem no mundo? Indagação, assim nos parece, paradoxal. Mas não. Entenderemos melhor esta proposição ao longo de toda essa exposição. – Bem entendido, esta última indagação como se disse, parece-nos insensata, mas o que ironicamente se propõe é exatamente advertir para o fato de que o valor humano - ontologicamente - se perde em demasia com o avanço dito positivo e grosseiro/bárbaro das chamadas tecnologias-científico-informacionais. Desde já, porém, vê-se que a idéia implantada na geografia por Milton Santos torna-se válida para o discurso geográfico como um todo, é evidente, por vezes, refutamos tal concepção por sabermos que este conceito miltoniano acaba por ser demasiado materialista quando, em realidade o homem também possui a imaterialidade imanente (subjetividade). O

*em-si* do homem ganha ou perde expressão dependendo da análise para com o mesmo. As aplicabilidades conceituais é o que fazem a diferença. Quer dizer, podemos utilizar qualquer meio para um fim projetado, basta-nos apenas saber aplicar o que desejamos. Apesar de não deixarmos de acompanhar o progresso da ciência tecnológica e informacional no contexto atual da sociedade, defendemos que a compreensão do homem não deve ser reduzida apenas às concepções marxistas, no entanto, não deixemos de acompanhar o progresso da ciência tecnológica/tecnologia científica e informacional no contexto atual da sociedade.

O presente trabalho apresenta-se para uma breve abordagem teórica, portanto, interpretativa e hermenêutica sobre uma possível Filosofia Geográfica, àquilo que Armando Corrêa da Silva tanto evidenciou em sua trajetória como geógrafo (ver seus principais escritos de fundamentação teórica nas referências [entre outros não citados; tema para outro estudo]); uma reflexão sobre o que é realmente a Geografia e o seu fundamento. Neste sentido evoquemos a seguinte passagem: “o novo não se inventa, descobre-se” (SANTOS, 2008, p. 18). Com isso obviamente tem-se, outra abordagem: uma Geografia da existência. Conquanto, inferimos que há uma necessidade teórica em Geografia. Sua teoria nos parece frágil. A Geografia contemporânea carece de fundamentos filosóficos inerentes ao seu campo do saber e científico e de atuação. Com isso, temos uma preocupação filosófica, e, portanto, teórica em Geografia. Deste modo, traduzimos ou deciframos o seguinte: a própria Geografia se constitui muito prática e pouco teórica em suas abordagens. A Geografia por exaltar em demasia a práxis esvazia seu discurso re-flexivo e adentra cegamente no discurso pragmático. Nesta acepção compartilhamos da idéia de Escolar (1996) quando nos diz que “a Geografia esqueceu sua própria história” (ESCOLAR, 1996, p. 72). Isto, no sentido de que aqueles que fazem a Geografia científica parecem ignorar os clássicos. Dificilmente os pioneiros geógrafos são estudados efetivamente (Humboldt, Ritter, Ratzel, Hettner, La Blache, Jean Brunhes, apenas para citar alguns). E é a partir dos clássicos que desenvolveremos nossa investigação.

A Geografia nunca foi uma rocha, mesmo assim sofre sua erosão epistemológica. Esta falta ou este vazio epistemológico é o que entendemos por aquilo que tanto atinge violentamente a Geografia acadêmica contemporânea: sua perda de espaço para cursos de outras vertentes tais como ambientalistas, urbanistas entre outros. Portanto, a questão sobre epistemologia em Geografia é o que necessita ser tratada com mais cuidado e com mais

atenção. Ou seja, “*é necessário dar a esta disciplina fundamentos filosóficos*” (GICOVATE, 1952, p. 181, grifos do autor). Como já referido, a epistemologia geográfica nos parece frágil. E o distanciamento dos clássicos provoca uma deficiência na ciência geográfica. É certo que muitos não atendem as exigências contemporâneas, mas são fundamentais para compreendermos o porquê da crise atual do saber geográfico.

Devido à falta de conhecimentos filosóficos e psicológicos por parte dos geógrafos, os mesmos enfrentam dificuldades perante outras ciências. Devemos dialogar dizendo que a Geografia além de ser uma forma de leitura do mundo, é um todo complexo da natureza. Eis, então: evoquemos uma possível Filosofia da Geografia, uma Geontologia. Uma Geografia da existência. Ou mesmo uma Metafísica da geografia: geografia da existência. Algo audacioso nesse sentido. É necessário partir do mundo da leitura para a leitura do mundo.

## **FILOSOFIA E GEOGRAFIA: EM BUSCA DE UMA GEOGRAFIA FILOSÓFICA**

A presente investigação infere que o caráter material da realidade é importante e faz parte da vida do homem, todavia devemos ir além dessa premissa. O caráter subjetivo, metafísico, ou como queiram o espiritual (transcendental) do homem no geográfico ou na geograficidade é o nosso aporte de análise do real concreto existencial. O pensamento humano, ou melhor, as idéias transcendentais dos seres humanos sugerem que as mesmas sejam consideradas como a base para a investigação promulgada aqui. A noção de finanças ou riquezas de bens materiais como recurso ou fruto do agir dos povos não serão enfatizadas no presente trabalho. Isto é, noções de economia, por exemplo, não será tratada. Desejamos realizar uma possível abordagem filosófico-geográfica da própria ciência da terra e do homem, denominada Geografia. Uma abordagem outra por meio da reflexão filosófica em que a geografia aparecerá como um campo do saber, e que mostre realmente seus fundamentos para com a realidade do mundo. Um desenvolvimento reflexivo psicogeográfico é uma excelente alternativa.

O conhecimento inerente e imanente do e no homem se estabelece pelo entendimento, pela razão, bem como é dado de maneira *à priori* pela intuição pura de tempo e espaço como formas do existir e do pensar segundo as concepções de Kant na *Crítica da Razão Pura*, principalmente (ver referências). A experiência natural adquirida ou vivida pelo sujeito

perante o objeto relacional acontece por uma ligação singular entre o pensante e o pensado; o ser e o ente se relacionando na esfera fenomênica consubstancialmente. Numa situação pura de entendimento do mundo, aquilo no exterior do próprio homem, o geográfico em si (a absolutez, a totalidade, a multiplicidade na unidade, por assim dizer, existencial), inegavelmente *é* e *estar* como o fundamento do ser ou dos seres (observação para os verbos transcendentais *ser* e *estar*). Não obstante, considera-se espaço e tempo em um único ponto-instante inseparável. Por conseguinte, ressalta-se uma geografia filosófica nascente ante suas preocupações. – Note-se evidentemente que o verbo *ser* e *estar* tornam-se fundamentais no presente escrito.

A Geografia nos faz situar-Ser no mundo. A Geografia nos cria; nos fundamenta. A Geografia é a existência que nos constitui. Bem entendido, devemos resgatar o sujeito de seu papel da e na realidade; valorizar a herança histórico-geográfica da cultura humana é algo singular para a compreensão do existir.

Nesse diálogo singular do existir, perguntemos então: “o que singulariza o homem?” (MARTINS, 2013, *supra*)<sup>1</sup>. A singularidade do homem se configura em sua capacidade criadora. O ser-do-homem *é* na criação. Por isso, há uma importância, evidentemente, de se trabalharem as artes no discurso geográfico. Uma vez que a arte é criação humana. Assim como a idéia de trabalho, no sentido de que apenas o homem promove e difunde as artes (técnicas), quer dizer, cria, e não obstante, trabalha no sentido de manipulação para seu bem estar conscientemente (cultuar). – Tudo está relacionado no geográfico fazendo com que o homem se localize frente ao enigma do mundo: o existir. Grosso modo, o *Ser Humano* caracteriza-se por: “relação com a natureza; ética e sociabilidade; constituição do conhecimento; manifestações simbólicas e culturais (Cultura)” (MARTINS, 2013). Portanto, “o Homem é na relação” (MARTINS, 2013). Sua ligação com a terra, com a história, em suma, suas realizações são construídas nas relações. Contudo, a existência do Homem (como elemento ôntico = Ente) é realizada numa Geografia inexoravelmente. Para tanto, indaga-se: “o que constitui a Geografia? A ordem das coisas que se relacionam é a ordem das coisas que se distribuem. Portanto, existir é se relacionar” (MARTINS, 2013). Existir é estar em relação (habitar). “Sem a relação, as coisas não seriam. A existência é ralação” (MARTINS, 2013). Bem entendido, “existir é colocar-se em uma estrutura de relações...” (MARTINS, 2007, p.

---

<sup>1</sup> MARTINS, Elvino Rodrigues. Anotações de aula. *Ontologia e Epistemologia em Geografia*. FFLCH/DEGEO-USP, 2013. Obs.: Todas as citações MARTINS, 2013 referem-se às anotações de aula.

42). Com efeito, “as coisas se fundamentam a partir de suas relações” (MARTINS, 2009, p. 32). As relações constituem tudo. Portanto,

Existimos em uma Geografia; a existência é Geográfica, ou, o existir é Geográfico; a existência é mediante uma Geografia; estamos mergulhados numa Geografia. Qualquer circunstância do ser-do-homem é geográfica (ideia de lugar); não é possível o Homem sem o geográfico (MARTINS, 2013).

Uma vez mais perguntemos então: e a História, como fica nesse debate, por assim dizer, esdrúxulo? A História se realiza no Geográfico (numa Geografia). Destarte, “a História se objetiva na relação com a Geografia. A História se objetiva na Geografia; a História não é possível sem a Geografia” (MARTINS, 2013). Toda e qualquer História dá-se numa Geografia, inegavelmente. Por conseguinte, “o estudo da geografia nos permite conhecer a história, e inversamente” (HORRANIN *apud in* GICOVATE, 1952, p. 190). Entrementes, antes da História há uma Geografia. Ou como na expressão um tanto estranha de James Fairgrieve: “a história é controlada pela geografia” (FAIRGRIEVE *apud in* GICOVATE, 1952, p. 190). Isto, no sentido de que os fatos históricos se sucedem num determinado ambiente geográfico. Ou ainda no dizer de Brunhes e Vallaux: “a história se traduz na geografia; a geografia se traduz na história” (BRUNHES, VALLAUX, 1921, p. 01)<sup>2</sup>. Não obstante, a Geografia da existência é, por assim dizer, aquilo que potencialmente quantifica e qualifica significativamente o ser-do-homem permanentemente sem objeções. O pleno existir do ser-do-homem se vale daquilo sobre e sob o próprio homem em si (ontologicamente). Assim sendo, devemos pensar o mundo a partir do homem (nós mesmos) no geográfico e historicamente. Logo, “a existência realiza-se em uma História e em uma Geografia [...], a existência do homem concreto é o cotidiano, dada numa Geografia específica, estabelecida em um *Habitat* determinado” (MARTINS, 2007, p. 47, grifo do autor). Nesse contexto, “A Geografia é a realização do ser-do-homem. Geografia e História, eixo que liga ao ser do homem diretamente. *A Geografia é autossensível*” (MARTINS, 2013, grifo nosso). A Geografia “é um fundamento da realidade” (MARTINS, 2009, p. 16). Com efeito, “a Geografia é dimensão de existência do Homem e da Sociedade” (MARTINS, 2005, p. 83). Eis, doravante, o fundamento geográfico do Ser, significativamente: a existência real concreto-geográfica.

---

<sup>2</sup> No original: “l’histoire se traduisant dans la géographie; la géographie se traduisant dans l’histoire” (BRUNHES, VALLAUX, 1921, p. 01).

Enquanto a Geografia é especialmente definida em Ritmos e Durações, a História tem sua temporalidade definida predominantemente nas Sucessões. E a História está na Geografia pela descontinuidade das durações, e a Geografia está na História pela descontinuidade das sucessões. E entre essas descontinuidades encontramos a desigualdade/desequilíbrio que compõe a síntese dos ritmos dos Momentos (MARTINS, 2007, p. 41)<sup>3</sup>.

Devemos lembrar o peso da Geografia na constituição do ser-do-homem. Para isso, “pensar geografia é ter para si a existência e a importância do geográfico presente na realidade” (MARTINS, 2009, p. 13). Contudo, singularmente inferimos que pensar a *geo*-grafia brasileira, por exemplo, é pensar a cultura histórico-geográfica do Brasil na compreensão do nosso ‘cotidiano como “realidade existencial”’ (no sentido schellingiano, 1996, 1803, 1797; ver referências). Contextualmente, por vezes, pensar a *geo*-grafia de qualquer lugar ou de quaisquer lugares do e no mundo é pensar a cultura histórico-geográfica de tal ou tais lugares, independentemente de sua localização espacial. Assim, pensar a *geo*-grafia no sentido de relacionar a cultura de um grupo social humano (bens materiais e imateriais) é fundamental para a decifração do mundo de tal agrupamento humano.

## **GEOGRAFIA E FILOSOFIA: EM TORNO DE UMA FILOSOFIA GEOGRÁFICA**

Para que se desenvolva um debate que nos leve a uma mediante compreensão plausível, é necessário envolvimento, esforço e comprometimento de nossa parte. Pois “onde há discussão há vida, onde há debate aflora o pensamento crítico, onde há polêmica há espaço para o novo, para a criação” (MORAES, 2007, p.131). Com efeito, a Filosofia da Natureza e a Filosofia da História nos surgem como linhas mestras, caminhos adequados para nos auxiliar

---

<sup>3</sup> A despeito disso, devemos nos recordar da citação de Reclus que nos diz que “é a observação da Terra que nos explica os acontecimentos da História”. No original francês: “c’est l’observation de la Terre qui nous explique les événements de l’Histoire” (RECLUS, 1905, p. IV). Entrementes, Ratzel se referindo ao filósofo alemão Herder nos adverte dizendo que *a história é uma geografia em movimento*. No original alemão: “der Geschichte als einer in Bewegung gesetzten Geographie” (RATZEL, 1909, p. 55). Na edição italiana: “la storia una geografia in movimento” (RATZEL, 1914, p. 84). Ou mais precisamente, nas próprias palavras de Herder: “em suma, a geografia é a base da história e a história nada mais é que um movimento contínuo na geografia dos tempos e dos povos”. – No original alemão: “Kurz die Geographie ist die Basis der Geschichte und die Geschichte ist nichts als eine in Bewegung gesetzte Geographie der Zeiten und Völker” (HERDER, 1997, p. 494). (Todas as traduções e os grifos são nossos).

consubstancialmente nessa direção: uma possível filosofia da geografia, certamente. Para tanto, convém dizer que

*A existência remete à subjetivação em essência da sobrevivência, na constituição, portanto, do ser. Na sobrevivência dá-se o trabalho, e na existência dá-se a subjetivação deste. A sobrevivência define por base uma existência, e esta representa a subjetivação, a constituição do ser, ou seja, define um Gênero de Vida<sup>4</sup> (MARTINS, 2007, p. 46, grifos do autor).*

Com isso, certamente, a idéia de subjetividade realizada na objetividade reforça a *Arte* como o meio mais adequado para essa realização (sobre a arte, entenda-se também a idéia de trabalho como realização do ser-do-homem [realização ontológica]. Algo já referido). Deste modo, surgem-nos as seguintes proposições: o que é uma obra de arte, qual sua essência para com o homem e o mundo? Qual o papel do homem na criação artística? O que faz o homem criar obras diferenciando-as das ciências? Bem entendido, “porque o homem dá respostas tão difusas sobre as coisas?” (MARTINS, 2013). Partindo de tais premissas, qual o significado do geográfico para a realização humana? Tanto quanto possível, há de acrescentar que a subjetivação e a objetivação humanas se realizam no espaço-tempo existencial, cuja dinâmica perpetua os anseios mais ínfimos dos seres por toda a vida. É no geográfico que o homem realiza suas ações e cria, ou seja, é numa geograficidade (no sentido evocado por Dardel, 1952; ver referências) que o homem se faz ontológica e transcendentalmente.

No que concerne ao homem, este se diferencia dos demais seres vivos especificamente por sua capacidade criadora, sua capacidade de manipulação em relação aos objetos que o circunda. A maneira como o homem age existencialmente o torna um ser outro diferenciado quando confrontado com demais seres vivos. Portanto, singular. – Pensemos nas abelhas, nos cupins, nas formigas, no João de barro e nas aranhas, por exemplo. De certo, podemos demonstrar a outra face do humano, ou seja, desde que tais animais anteriormente referidos existem, os mesmos promovem, sem mudança de perspectiva, assim entendemos, as mesmas ações quando de suas finalidades no existir. De todo modo, em outros termos dir-se-ia que a aranha, por exemplo, sempre construiu teias, contudo, passados longos períodos geológicos, esses animais ainda permanecem fazendo tudo do mesmo modo e sem nenhuma

---

<sup>4</sup> Gênero de Vida é “o conjunto de hábitos pelos quais o grupo que os pratica assegura sua existência” (DERRUAU, *apud in* MARTINS, 2007, p. 46).



mudança/alteração além da própria perpetuação de sua espécie animal. Uma espécie de determinismo existencial permanente. Isto é algo que não restringe o homem. Dito de outra forma, o homem através de si procura sempre ultrapassar as barreiras impostas pelo próprio natural. Não obstante, tudo isso se realizando no geográfico que sustém e conserva o homem como ser criativo e dinâmico frente a outras espécies de seres vivos animados.

Nosso esboço, longe de ser uma abordagem no plano biológico ou mesmo no plano fisiológico mecânico, defende a tese de que a constituição do ser-do-homem o faz sê-lo “diferente” perante outros seres vivos. Pois o mesmo sempre buscar manipular as coisas à sua volta, uma inquietação que jamais cessa. Uma procura insaciável pelo novo é o que lhe pertence cognoscitivamente. Isto é, o homem vai se desenvolvendo/adaptando-se cada vez mais sem esgotar sua sede de fazer, de realizar. O movimento diferencial no qual o homem está embutido o torna uma espécie singular no sentido da configuração circular em espiral no qual jamais o círculo se apresenta acabado ou fechado. As coisas criadas ou como queiram, inventadas ou produzidas pelo homem ao longo das eras demonstram como o ser-do-homem é em relação ao existir. As criações feitas pelo punho humano o mostram como este ser é diferente, por assim dizer, de uma aranha, de uma árvore, de um pássaro, de um peixe, entre outros mais. Por conseguinte, devemos lembrar que tudo isso acontece no geográfico ou na geograficidade (Dardel, 1952), que, por sua vez, não deixa de ser um acontecimento memorial para com os homens em todos os lugares, ou melhor, em qualquer lugar do e no mundo.

Bem entendido, assim como fez Humboldt, principalmente (ver mais adiante), ao se preocupar com o estudo sobre Geografia e Literatura como formas de linguagens (escrita, modo de falar, descrições diversas e como um todo documentação), por exemplo, toma-se isso como pressuposto tal que o envolvimento do homem com o geográfico quer trazer ao conhecimento territorialidades do passado para compreendermos territorialidades do presente com preocupações de sabermos interpretar territorialidades do futuro. (Assim sendo, dá-se o mesmo, porém, ocorrendo com a idéia de regionalização. Com efeito, a literatura clássica regionalista brasileira, em especial, nos deixa nítida essa relação [não a desenvolveremos aqui uma vez que é tema para outro trabalho]. De todo modo, a idéia de paisagem logo aparece. – Não podemos esquecer que a Cartografia possui um papel fundamental para compreendermos os tipos de linguagens expressas quando da investigação regional. Haja vista o mapeamento contribuir facilitando para tal estudo). Destarte, tudo isso se realizando na existência

histórico-geográfica ou na existência geográfico-histórica. Em todo caso, é na relação que as coisas acontecem, sem relação não há o existir. Nesta acepção, conforme a última citação e negando sua compreensão, tudo se torna desespero uma vez que é impossível pensar o mundo sem a relação ou as relações. Tudo se liga e ao mesmo tempo se rompe; para tanto, a *cisão é uma relação*. Relação esta de rompimento para se fazer surgir novamente num movimento harmonioso de perpetuação incessante.

No mesmo sentido artístico, ao se preocupar com o estudo sobre Geografia e Música, algumas proposições são evocadas. Tais como: idéia de paisagens sonoras, distribuição espaciais das músicas, exploração dos lugares de origem e difusão musical, caráter e identidade dos lugares por meio de letras, melodia, instrumentação e percepção do impacto sensorial da música, bem como a preocupação com a análise temática do aspecto ambiental e de denúncias expressas nas músicas (estratificações sociais, por exemplo). Em suma, dos sons espaciais. Em realidade, isso se realiza inevitavelmente no histórico-geográfico assim como no geográfico-histórico inexoravelmente.

Particularmente, como a presente investigação trata de uma possível filosofia da geografia (uma breve reflexão a esse respeito), desde já acrescentemos que só é possível este desenvolvimento se observarmos as coisas na relação em pleno geográfico. Pois tudo acontece numa geografia. Uma vez dito isso, é digno elucidar que a Geografia está em todos os lugares. A Geografia (como natureza, geograficidade, meio geográfico, mundo, e, seguramente todos os conceitos ou categorias geográficas) é existência.

Filosófica e teoricamente diz-se: uma ruptura que não rompe um absoluto (ruptura incompleta, todavia, muito bem fragmentada na absolutez; uma espécie de unidade na totalidade com suas partes inseparáveis do todo que se configuram em fragmentos completos constituindo o particular no geral, transformando as particularidades no esdrúxulo total), se configura em geograficidade pura. Assim, numa Geografia do mundo que não nos escapa. Quer dizer, tudo se constitui em geográfico quando pensamos que o homem não vive fora de uma geografia. Portanto, ou melhor, tanto quanto possível, *o homem é geográfico*. – Neste momento aludimos o seguinte: há ruínas históricas, todos sabem, mas há também, ruínas geográficas. Ou seja, muitos falam de ruínas que marcaram um acontecimento, mas há de sustentar a tese de que existem ruínas geográficas, pois os fatos quaisquer que sejam sempre ocorrem num lugar e não isoladamente. Assim, a não-geograficidade ou o não-geográfico é

uma proposta insustentável. Ora, a não-geograficidade é algo absurdo e impossível. Com efeito, “ser é pertencer. Estar situado. Ter geograficidade” (MARTINS, 1996, p. 305).

A Geografia não está no tempo e no espaço. A Geografia é o tempo e o espaço. O agora possui toda a potência do fundamento dos seres, pois estes não se dissolvem em instantes outros; simplesmente mantém suas essências inseparavelmente do todo existencial. Tudo é geográfico; num segundo momento transfigura-se em histórico, porém, apenas para o homem. Isto, no sentido psicossensorial de armazenamento de recordações/rememorações (reminiscências) e evidentemente de noção temporal - de pretérito presente e porvir - uma vez que somente o homem realiza a História [em termos de passagens momentâneas - sucessivas - de realizações].

Com efeito, devemos considerar que o *geográfico* é o natural *estático-movente* com ou sem a presença do homem. Este geográfico pode-se dizer apenas Geografia, ou geograficidade (no sentido de Dardel, 1952)<sup>5</sup>. Já o normal *movente-movido* é a geografia com relativa presença antrópica. Quer dizer, a geografia trabalhada ou manipulada pelas mãos humanas. Para tanto, quando se colocou o termo *estático-movente* assim como *movente-movido* cabe uma ressalva para um esclarecimento do proposto em si. Quer dizer, o *estático-movente* é a Geografia ou o geográfico como natureza sem a ação humana: o *estático* que permanece sem movimento por ser tão natural que transmite medo ao homem; *movente*, que age na relação natural e existencial, pois se move por forças geográficas insuperáveis tais como um terremoto, a circulação atmosférica, a ação de uma erupção vulcânica, o intemperismo, em suma, por energias endógenas e exógenas que estão incessantemente em relação de forças (simplesmente geograficidade). Já o termo *movente-movido* se relaciona com a Geografia científica e, portanto, com os estudos sociais, pois que está relacionada ao homem (transformações na paisagem). Ou seja, *movente* porque existe no mesmo sentido do já referido *estático-movente*; *movido* quando se refere tão somente à ação humana, uma vez que apenas o homem manipula a terra conscientemente - o geográfico - em larga escala.

---

<sup>5</sup> Este termo já fora referido algumas vezes no decorrer desta exposição, porém, sem conceituá-lo. Agora, exigimos a presença do seu significado. Pois bem, “geograficidade refere-se às várias maneiras pelas quais sentimos e conhecemos ambientes em todas as suas formas, e refere-se ao relacionamento com os espaços e as paisagens, construídas e naturais, que são as bases e recursos das habilidades do homem e para as quais há uma fixação existencial” (DARDEL, 1952 *apud in* NOGUEIRA, 2001, p. 24). “Isto é, uma manifestação direta do ser na existência” (SOUZA, 2012, p. 71).

## **ANTROPOPSICOFILOSOFIA GEOGRÁFICA: IDEALISMO ROMÂNTICO OU ROMANTISMO IDEALISTA**

Ao propor uma análise tão complexa do que é e do valor significativo da Geografia como ciência e como não-ciência, mas como o meio natural ambiente, considera-se todas as possibilidades que a envolvem desde um grão de areia, a uma cordilheira inteira (cadeia de montanhas); do mesmo modo, devemos considerar desde aquilo que está no fundo do mar, àquilo que está sobre os ares e que envolvem a todos sem negar o que acontece. Assim, para somar as partes constituintes num todo completo e complexo faz-se necessário saber direcionar o discurso com o intuito em atingir os conglomerados que forma o todo da base concreta que sustenta o homem e os demais seres vivos e não vivos, da matéria orgânica e não orgânica diante o presente efetivamente consubstancial: superfície da terra. Tendo isto em vista, o esforço efetuado neste manuscrito dá-se através de uma dialética no sentido de abranger todas as categorias e conceitos geográficos por meio da lógica imanente que existe na própria Geografia Científica. Dando ênfase especial para as noções de lugar e espaço, uma espécie de antropopsicofilosofia geográfica. Uma psicofilosofia geográfica, por assim dizer. Uma breve abordagem do geográfico para com o homem e partindo dele. Quer dizer, apesar de suas limitações, todos os conceitos geográficos possuem seus méritos. Entretanto, em nosso caso específico, a idéia de espaço e lugar na geografia atinge o ápice da geografia existencial, pois a geografia mais próxima de nós é o lugar e a geografia mais distante de nós é o espaço (todos os outros conceitos mediam entre lugar e espaço). – Há de observar que não estamos considerando a idéia de espaço geográfico (cujo mesmo o consideramos um conceito muito ingênuo e mal elaborado nos estudos geográficos. Para esta discussão há que desenvolver outro texto sistematizando melhor as concepções equivalentes, algo que não nos cabe neste momento).

Compreendemos que foi o aporte idealista romântico ou o romantismo idealista alemão - na passagem do século XVIII para o XIX - que permitiu, por assim dizer, “uma ontologização descaracterizada da análise científica, fazendo valer como coisa em si o que deveria ser, antes de mais, a estrita esfera fenomênica enunciada pelo projeto Crítico kantiano” (SILVEIRA, 2013, p. 02). Bem entendido, a Geografia como ciência se constituiu a partir de figuras importantes como Ritter e Humboldt, ambos contemporâneos do idealismo e do romantismo alemão. Desde então, eis o naturalismo e o humanismo agindo intrínseca e

reciprocamente. Apesar da confusão da noção de mundo advindo do idealismo/romantismo alemão.

O homem é e está atrelado ao geográfico, por isso seu existir não pode se separar da geografia que lhe pertence. A Filosofia da Natureza, ou seja, o estudo da física, reciprocamente à geografia, fornece um aporte seguro para a realização do estudo humano no geográfico, na geograficidade. Isto é, simplesmente entendemos por geográfico a totalidade qualitativa-quantitativa absoluta e multiplicada na unidade singular em si do real. Já geograficidade é o movimento desse geográfico quantitativo e quantitativamente realizado pelo ser antrópico, ou seja, sua relação direta com os entes em sua volta, o invólucro potencial que o envolve (algo que extraímos de uma leitura crítica de Dardel e de Schelling; ver referências. Todavia, há aqui uma interpretação própria de nossa parte). Como já referido, além da materialidade que configura o mundo existencial, há a imaterialidade inerente ao homem: seu pensar. Assim, vê-se que a idéia de fenomenologia aparece, por vezes, timidamente. Mas que é válido considerá-la.

O cenário natural e real onde o homem vive e se realiza; o teatro onde as coisas acontecem, o palco no qual a trama existencial ocorre, entre muitos outros termos utilizados ao longo da história do pensamento geográfico, é o que aqui traduzimos por geográfico, especificamente. Por conseguinte, buscando ir além das abordagens simplistas e vulgares. Dito de outra forma, o geográfico investigado no presente trabalho quer ser o princípio e o fim da ciência geográfica, ou seja, devemos nos deter não apenas na investigação do espaço geográfico, mas nos direcionarmos para a análise do que significa aquilo em que o homem está inserido. Se se preocupar tão somente com a idéia de espaço geográfico sem saber realmente o que significa o Espaço, torna-se possível verificar o enorme vazio do pensar geográfico do homem científico. Outras instâncias também envolvem o homem. Neste sentido porque então não estudar simplesmente o Espaço? Porquanto, a idéia de espaço é oriunda da filosofia e da física. E a Geografia realiza uma confusão quanto a isso. A ciência geográfica utiliza-se do termo “Espaço geográfico” sem antes denominar ou conceituar o que é o Espaço.

O termo espaço como o objeto máximo da Geografia já não consegue ser tão eficaz perante a complexidade das sociedades atuais. Contudo, a noção de espaço é indispensável para qualquer geógrafo analisar a complexidade do mundo. Muito embora, para superarmos o espaço que a geografia estuda, devemos nos deter em analisar aquilo que, grosso modo, está

mais próximo: o lugar. Exposto isso, pode-se dizer que *o lugar é singular, o espaço é plural*. Tanto quanto possível, diz-se que tais afirmações constituem-se por meio das ações psicomotoras e estéticas (entendimento do mundo – *Weltanschauung*, visão do mundo em alemão). – O mundo é um observatório estético-geográfico.

A estrutura da presente investigação, o plano de desenvolvimento mostra que esta parte do texto parece anteceder, por assim dizer, as duas partes anteriores não por acaso, mas sim por necessidade. Por sua vez, optou-se por expor depois. Bem entendido, ao abordar uma possível filosofia da geografia por intermédio de uma discussão tão complexa, é necessário que estejamos conscientes de que a arte como realização ontológica está presente nos escritos de Humboldt, cujo convívio com os idealistas românticos, ou mais precisamente, com os românticos alemães, em especial com o escritor Goethe, fora bem acentuado. Assim, há uma necessidade de configuração no sentido de que se tratando de uma antecedência às discussões artísticas (já realizadas brevemente), esta parte do trabalho evidencia aquilo que consideramos importante para a ciência cuja denominação Geografia. Isto, em virtude de Humboldt ser o pioneiro ou ser o nome mais difundido - assim acreditamos - da e na geografia moderna. Quer dizer, por Humboldt ser considerado o principal representante da geografia moderna e ter desenvolvido trabalhos de estéticas geográficas, é interessante consultar, em especial, o volume II de sua obra *Cosmos*. Volume este ímpar no que se refere à influência do idealismo e do romantismo alemão. Para isso, remetemos o leitor a consultar o referido escrito (ver referências).

Para fazer valer nosso debate propõe-se que o homem e a natureza formam uma unidade indissociável. O Cosmos para com o homem é o objetivo e o subjetivo, o ideal e o material (aparência e essência - real). O Cosmos sempre *é e está*. Neste momento, verifica-se que o verbo *Ser/Estar* constitui-se a base fixa fundamental de todo o discurso crítico-geográfico até então exposto. – Como proposta singular neste simples ensaio, assim acreditamos, vê-se o grau de complexidade enfrentada, quase um labirinto; isso pelo simples fato do verbo *Ser/Estar* aparecer para acentuar nossa proposta. Por sua vez, nos ajuda ou nos auxilia nos argumentos que fundamentam todo o conjunto do escrito.

Dialogando entre Ciência (as) a Arte (as) o estudo como um todo exige uma reflexão profunda para que possamos entender como um campo do saber se relaciona com outro em suas feições. Neste contexto, a Geografia precisa se aproximar cada vez mais da Filosofia da

Natureza para fundamentar as concepções evocadas. Para tanto, as idéias do filósofo idealista-romântico alemão Friedrich Schelling (1996, 1803, 1797) torna-se um suporte essencial em nossa reflexão na arte geográfica do mundo natural e humano. Partindo das leituras de alguns de seus escritos, especialmente *Filosofia da Natureza* (ver referências), podemos sustentar nossos argumentos, neste parágrafo. – Para não ficarmos *in abstract*, coloquemos o nosso interesse para com a ciência geográfica: qual o sentido do geográfico? Evidentemente a tese em si responde esta indagação pertinente. Com efeito, o sentido do geográfico é o sentido do ser exteriormente e interiormente agindo de forma inseparável com e no mundo consubstancial. Em outras palavras, o sentido do geográfico é manter a essência do ser-do-homem sem se fragmentar. Bem entendido, apesar dos deslocamentos que os homens realizam os mesmos não se dissolvem no espaço-tempo. Ou seja, a unidade do homem na multiplicidade do existir permanece interior em seu singular interior-exterior e em seu exterior-interior sem perder suas partes constituintes. Isto quer dizer que o geográfico (o espacial) determina o todo do homem. Assim como a temporalidade. Em outros termos, mesmo o homem deslocando-se a longas distâncias, ele se mantém inteiro em seu ser. Portanto, o geográfico conserva efetivamente o ser-do-homem em seu estado de *ser* para o *ser* e de *ser* para o *ente* em sua realidade absoluta (no sentido de Schelling). O mesmo é válido com relação ao tempo (instantes). Entretanto, a relatividade do mundo mostra seu imperioso poder sobre o próprio homem. Todo espacial é temporal e todo temporal é espacial. Só existe o espaço porque há o tempo, bem como só há o tempo em virtude de existir o espaço. Nesta acepção, Schelling nos fala da unidade na multiplicidade se realizando sem cessar. – Podemos entender com isso a idéia de lugar promovendo o ser-do-homem no espaço existencial efetivo.

Diante o exposto, é digno dizer que foi a partir do idealismo e do romantismo alemão que a Geografia saltou positivamente numa leitura do mundo. A partir de Kant e dos primeiros românticos a Geografia foi influenciada consideravelmente. – Vê-se que toda a discussão do parágrafo precedente tem, indiretamente, sua fonte nas leituras de autores que beberam das idéias românticas. Quer aceitemos isso ou não, basta observar os tempos atuais no qual a Geografia está cada vez mais distante da verdadeira *geografia-geografia*. Como já se disse, a Geografia contemporânea ignora os clássicos. Apesar de os geógrafos pensarem o espaço no sentido aristotélico-descartiano, do mesmo modo no sentido kantiano, os mesmos ocultam os clássicos. Destarte, a Geografia contemporânea está sufocada por muitas coisas

que não lhe diz respeito. Assim, evoquemos uma Filosofia da Geografia para pensarmos em novas alternativas.

A Geografia em si, após muitos anos de atividade crescente ainda encontra dificuldades profundas quando da abordagem do real, em especial ao falar do espaço como objeto de estudo. De todo modo, a investigação sobre o espaço geográfico ainda mostra que a Geografia enfrenta problemas acentuados e que carece de muito compromisso por parte de seus estudiosos. A ciência geográfica carece de muita reflexão filosófica a fim de conquistar seu lugar singular entre as ciências modernas. Um agir profundo para além das simples frações do discurso ambientalista e urbanista (mobilidade, por exemplo) atualmente bastante em voga e que, grosso modo, empobrece a Geografia quando se prende apenas a isto. Quer dizer, a geografia é muito mais do que o proposto na atualidade, os geógrafos devem mostrar que seus trabalhos têm uma importância outra (inestimável) para com a realidade e devem ter cuidado quanto a isso, pois seus esforços estão se transformando em ideologias retóricas com fins políticos (discursos alienados). Defendemos que muitos geógrafos possuem um esforço poderoso com fins outros (econômico, político e etc.) sem nenhuma preocupação direta verdadeiramente onto-metafísica e transcendental para com o homem e para com a própria Geografia. A Geografia científica produz muito; todavia, o discurso da geografia atual se limita muito às questões ambientais: como sustentabilidade, entre outras rotulações ou nomenclaturas. Todavia, sabemos que a Geografia científica produz muito. Porém, apesar de sua ampla investigação e ampla produtividade, ainda sim contem falhas que devem ser superadas.

## **UMA CRÍTICA CRÍTICA À GEOGRAFIA CIENTÍFICA: PARA UMA COMPREENSÃO OUTRA**

*A falta geográfica da própria Geografia*, no sentido lógico-filosófico, ou dito de outra maneira, os desconexos metodológicos distanciando-a cada vez mais da reflexão filosófica fazem da Geografia, hoje, apenas mais uma entre muitas disciplinas que tenta desenvolver e mostrar em verdade o saber-conhecimento efetivo do real. Efetivamente a Geografia parece mais com uma caricatura de ciência. Não podemos negar o cabedal produzido pela Geografia científica em todos esses anos (desde sua constituição no fim do século XIX até os dias



atuais), mas o que falta a mesma é o compromisso além do ideológico. A idéia política de separar a Geografia Física da Geografia Humana torna-se um problema grave, ou melhor, constitui algo gritante e poucos conseguem enxergar o que está acontecendo. Se o percebem, disfarçam. Nisto, surge o que Silveira (2013) defendeu e de forma bastante fundamentada/contundente e com propriedade, e que merece nossa atenção.

Lamentamos, mas não poderia ser de outro modo, afinal, o que faz da Geografia geográfica é justamente um objeto que não pode ser exprimido de maneira plena e satisfatória sem uma unidade científico-filosófica. Todavia, como no seu processo de institucionalização e consolidação a Geografia assumiu as características do saber científico moderno, ou seja, distanciou-se da Filosofia em seu caráter investigativo, usando-a somente como cabedal de conceitos e manancial de pressupostos metodológicos, resta que, por seu necessário pensar sobre a natureza e o humano, produziu em si uma fragmentação que vai além da diversidade de método e que representa a quebra de sua unidade investigativa. Estamos falando propriamente da separação entre uma Geografia Física e outra Humana, esse duplo ser que nada é, que reúne no bojo do saber geográfico interesses e análises que, nem de longe, lembram o propósito que seria central: a expressão da relação entre a natureza e o humano (SILVEIRA, 2013, p. 07).

*A Geografia não é, está sendo.* Portanto, a Geografia ainda não se completou. Suficientemente a *Geografia geográfica*, ou simplesmente o *geográfico-geográfico* (podemos considerar geograficidade) visando atingir o campo ontológico-metafísico, tem o homem como o ator, o personagem e o protagonista principal agindo sobre si, tanto material quanto imaterialmente. Contudo, comete abusos quando visa apenas à materialidade. – A Geografia científica precisa se colocar diante do mundo como uma verdade singular que lhe cabe. Uma questão entre natureza e sociedade num élan permanente. As falhas da e na *Geografia* torna-a, neste contexto, assim entendemos, *uma caricatura de ciência moderna, uma pseudociência* perdida na confluência do mundo que a envolve. Assim sendo, o debate filosófico não deve se distanciar do discurso geográfico. Há que evidenciarmos a importância filosófica para com a fundamentação da análise geográfica. Diariamente o geográfico nos propõe que a vida em si exige que valorizemos cada vez mais o ambiente (lugar) em que vivemos independentemente da localização ou da cultura no qual nos encontremos no momento das relações com outros seres vivos e, em específico, com o próprio homem. Doravante, *a Geografia precisa ser*

*repensada urgentemente no século XXI; precisamos mudar o modo de e do pensar geográfico antes que nos distanciemos dos limites da ciência geográfica.*

A *Geografia geográfica* (simplesmente) nos possibilita transcender inexoravelmente diante da complexidade da realidade do mundo circundante. A Geografia deve assumir seu papel de ciência natural (da terra) e social (do homem) frente aos problemas que lhe dizem respeito, porém, sem negar suas limitações. O equilíbrio geográfico no sentido metodológico deve expor suas lições como modelo de recuperar os clássicos da geografia<sup>6</sup> como ricos e excelentes materiais de apoio; lições estas que mostram a capacidade geográfica de análise do real e não tautologia no campo das ciências em si. As ações de sociabilidade dos homens entre si e com o meio permitem que os sujeitos de ação (os próprios homens) inovem quando de suas práticas para além do plano teórico imanente. Para isso, a geograficidade como fundamento geográfico do ser aparece como instância máxima de constituição da vida na terra em que os “indivíduos pensantes” (em nosso caso, a espécie humana; os homens), criam, desenvolvem, destroem, reformulam, realizam trocas recíprocas e, conseqüentemente se fazem valer do seu potencial como verdadeiros *seres* ontológicos, precisa ser valorizada coerentemente. Portanto, é no geográfico que o sociocultural acontece, muito embora tenhamos em mente que a idéia de espaço e de tempo permeie todo o esforço do homem em suas realizações efetivas e evidentemente em seu existir no sentido fenomenológico existencial (lembrando, neste caso específico, as idéias desenvolvidas por Husserl, Jaspers, Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty). Mesmo inserido no geográfico, o homem faz de tudo para lhe escapar, porém, não consegue fugir do tempo nem do espaço que o configura.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

---

<sup>6</sup> Além da obra *Cosmos*, de Humboldt, já citada, é importante resgatarmos alguns outros escritos clássicos que certamente contribuíram significativamente para os fundamentos da Geografia como ciência natural e ciência social: *Quadros da Natureza* de Humboldt, *Geografia Física* de Kant, *Geografia Geral e Geografia Comparada* de Ritter, *Antropogeografia e Geografia Política* de Ratzel, *A Terra e a Vida* de Ratzel, *O Estado e o Solo considerados geograficamente* de Ratzel, *Etnologia* de Ratzel, *Tarefas e Métodos da Geografia moderna* de Richthofen, *Princípios de Geografia Humana* de La Blache, *A França do Leste* de La Blache, *A França: quadro geográfico* de La Blache, *A Geografia: sua história, sua essência e seus métodos* de Hettner, *A Essência e os Métodos da Geografia* de Hettner, *Tratado de Geografia Física* de De Martonne, *O Homem e a Terra* de Reclus, *O Estado como forma de vida* de Kjellén, *A Geografia Humana* de Brunhes, *A Geografia da história* de Brunhes e Vallaux, *Ensaio Geográficos* de Davis, *A Origem dos Continentes e Oceanos* de Wegener, *Teoria da Deriva Continental* de Wegener, *A Terra e a Evolução Humana* de Febvre, apenas para citar alguns. – Consultamos todos os originais, assim como algumas traduções das obras aqui referidas. Embora lembrando que algumas das mesmas ainda permaneçam sem traduções para nossa língua. Ver citações completas das obras nas referências.

*A Geografia é tudo*; expressão esta, assim nos parece, muito ousada e atrevida. Todavia, desafiadora. De certo, a Geografia está em toda parte. – Compreendemos que o mundo é um observatório estético-transcendental (no sentido kantiano). Assim sendo, evoquemos afirmativamente o pensar: *geotudo*, *geomundo*, *geoarte* e outros *geos* mais que se constituem, por assim dizer, como estudos da Geografia.

Em certa ocasião Vidal de la Blache ( 1913, p. 299) declarou ser “a geografia o estudo dos lugares e não dos homens”. Com efeito, rejeitamos “em parte” tal idéia proclamada por este eminente geógrafo. Isto, em decorrência de sua ambição regional que o fez, por assim dizer, enxergar a realidade como apenas destituída de meios para satisfazer interesses outros que não do homem como ser que pertence ao meio. Acreditamos que sua preocupação fora analisar os lugares sem mediação efetuada pelo homem. Ora, isto é muito vago, pois toda ação psicológica direcionada à natureza pelo homem é realizada pelo próprio homem. Quer dizer, aquilo que não é natural é intuído pelo ser humano, por sua vez, se a Geografia é o estudo dos lugares, deixando de lado o homem, devemos considerar que, quem realmente afirma tal hipótese é um homem: o próprio La Bache. Sua ação foi intencional, claro, mas talvez não tenha sido esse o seu verdadeiro propósito. Em todo caso, a Geografia não se limita apenas e tão somente aos estudos dos lugares e de seus aspectos físicos (como quer a geografia física), envolvem também o homem que, por conseguinte, também faz realizar, de certo modo o geográfico. Assim como outros seres que do mesmo modo realizam o geográfico. Ou seja, realizam a geografia em si, conjuntamente com o homem.

Quando, anteriormente, afirmamos que devemos estudar o “lugar”, foi no sentido de considerar as relações humanas como um todo e não apenas o aspecto físico do lugar. Entrementes, o lugar é algo que nos seja mais próximo.

Bem entendido, as realizações humanas se efetuam em virtude de suas diversas manifestações: quando da extração dos recursos naturais (matérias-primas), dos efeitos da urbanização como, por exemplo, construções de edifícios, de barragens, de estradas e muitas outras situações neste nível de metamorfose do espaço terrestre e, porque não, do espaço marinho e do espaço aéreo. – Ao aplicar as idéias refutando a proposição lablachiana, devemos salientar que o intuito é mostrar que a geografia exige do pesquisador consciência de sua ação quando de uma abordagem do real. Contudo, não rejeitamos seus méritos. Valorizamos suas colocações, mesmo confrontando-as. Quer dizer, não devemos apenas fazer

apologia a Geografia (e aos geógrafos). Se quisermos emancipá-la efetivamente, temos que realizar as críticas necessárias. Há, nesta acepção, uma filiação em demonstrar uma Geografia outra por meio da reflexão filosófica, assim como o fez Humboldt em sua época (lembrando que os ideais românticos o influenciaram profundamente, principalmente em sua obra *Cosmos*, cuja mesma no volume II, o autor desenvolve uma pesquisa envolvendo Geografia e Pintura). O mesmo como o fez Ratzel, Brunhes, Hettner entre outros.

Destarte, “aquilo que é geográfico existe por ser o suporte físico necessário à minha própria condição de ser existencial concreto no mundo” (SOUZA, 2013, p. 267). Uma Geografia real e única na existência. Além do mais podemos acrescentar: “o que é geográfico está para nós como o meu corpo está para mim” (SOUZA, 2015, p. 03). – Uma suposta ou possível Filosofia da Geografia relacionando o ser-do-homem requer atenção e exige um trabalho bem mais elaborado a fim de atingir o real propósito: desenvolver uma profunda reflexão com um olhar diferente do/no discurso geográfico habitual. Pensar a Geografia por outro ângulo. Aplicar um pouco de *artepensamento*.

Eis o que pensamos: consideramos que houve uma nobre tentativa, em desenvolver neste simples e humilde ensaio – pensar a Geografia de modo outro. Com isso, não estamos alegando uma nova teoria. O mesmo não está salvo de erros e de equívocos. Mas buscou uma nova iniciativa para o desenvolvimento do pensamento geográfico (teoria). Isto é, uma contribuição no que concerne aos estudos geográficos.

Nestas considerações "iniciais" devemos somar que este é o primeiro texto da sequência de outros sobre uma possível Filosofia da Geografia (denominados *Epistemologia da Geografia*). Os outros em desenvolvimento buscam complementar este de cunho inicial. Todos tratam de reflexões críticas, contribuições para uma proposição teórica da Geografia (no âmbito da Geografia [Una] integral). Para repensar a Geografia, seus caminhos e descaminhos. Cabe ressaltar que todos os grifos no corpo do texto são nossos, salvo aqueles dos próprios autores quando foram referidos em específico.

## REFERÊNCIAS

BRUNHES, Jean. **Geografia humana**. Ed. abrev. e atual de Jean-Brunhes Delamarre e Pierre Deffontaines. (Tradução de Ruth Magnanini). Rio de Janeiro: Fundo de Cultura 1962. 507p.

\_\_\_\_\_. **La géographie humaine.** Essai de classification positive. Principes et exemples. Paris: Felix Alcan 1910. 850p.

BRUNHES, Jean e VALLAUX, Camille. **La Géographie de l'histoire:** géographie de la paix et de la guerre sur terre et sur mer. Deuxième édition. Paris: Librairie Félix Alcan, 1921. 716p.

DARDEL, Éric. **L'homme et la terre:** Nature de la réalité Géographique. Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 1952. 136p. (Nouvelle encyclopédie philosophique; 52)

DAVIS, William Morris. **Geographical Essays.** Edited by Douglas Wilson Johnson. New York: Ginn and Company, 1909. 777p.

DE MARTONNE, Emmanuel. **Traité de Géographie Physique.** Deuxième Édition, revue e argumentée. Paris: Librairie Armand Colin, 1913. 920p.

ESCOLAR, Marcelo. **Crítica do discurso geográfico.** São Paulo: Hucitec, 1996. 176p.

FEBVRE, Lucien Paul Victor. **La tierra y la evolución humana.** introducción geográfica a la Historia. Barcelona: Editorial Cervantes 1925. 521p.

\_\_\_\_\_. **La terre et l'évolution humaine:** introduction géographique a l'histoire. Avec le concours de Lionel Bataillon. Paris: Renaissance du livre, 1922. 471p.

GICOVATE, Moisés. **Manual de Geografia Humana.** 2ª edição. (1ª edição de 1947). São Paulo: Edições Melhoramentos, 1952. 240p.

HERDER, Johann Gottfried von. *Von der annehmlichkeit, nützlichkeit und notwendigkeit der geographie.* In: **Journal Meiner Reise in Jahr 1769 Pädagogische Schriften (Werke).** (Herausgegeben von Rainer Wisbert unter Mitarbeit von Klaus Pradel) Band 9. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag, pp. 480-495, 1997. 1488p. (Bibliothek deutscher Klassiker; 147)

HETTNER, Alfred. **Geographie,** ihre Geschichte, ihr Wesen und ihre Methoden. Breslau: Ferdinand Hirt, 1927, pp. I-VIII. 463p.

\_\_\_\_\_. *Das Wesen und die Methoden der Geographie.* **Geographische Zeitschrift.** Herausgegeben von Alfred Hettner. Elfter Jahrgang. Leipzig: Druck und Verlag von B. G. Teubner, pp. 545-564, 1905.

HUMBOLDT, Alexander von. **Quadros da Natureza.** (1ª ed. 1808). 2 vol. (Tradução de Assis de Carvalho; prefácio de F. A. Raja Gabaglia) São Paulo: W. M. Jackson, 1950. (Clássicos Jaskson)

\_\_\_\_\_. **Kosmos:** entwurf einer physischen weltbessreibung. 5 vol. Stuttgart und Tübingen: J. G. Cotta'ischer Verlag, 1845-1862.

\_\_\_\_\_. **Ansichten der Natur:** mit wissenschaftlichen Erläuterungen. 2 vol. Tübingen: J. G. Cotta'ischen Buchhandlung, 1808.

HUMBOLDT, Alexandre de. **Cosmos: essai d'une description physique du monde.** (Traduction de M. H. Faye et de M. Ch. Galuski). 4 vol. Paris: Legrand, Pomey et Crouzet, Libraires Editeurs. s/d. (Oeuvres d'Alexandre de Humboldt)

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura.** (Tradução Lucimar A. Coghi Anselmi e Fúlvio Lubisco) São Paulo: Martin Claret, 2009. 540p. (Coleção a obra prima da cada autor; 3. Série Ouro)

\_\_\_\_\_. **Géographie, physische geographie.** (Traduction de Michèle Cohen-Halimi, Max Marcuzzi et Valérie Seroussi) Paris: Aubier, 1999. 394p.

\_\_\_\_\_. **Princípios Metafísicos da Ciência da Natureza.** (Tradução Artur Mourão) Lisboa: Edições 70, 1990. 128p. (Textos filosóficos; 28)

\_\_\_\_\_. **Metaphysische Anfangsgründe der Naturwissenschaft.** Zweite auflage. Riga: Johann Friedrich Hartknoch 1787, pp. I-XXIV, 158p.

\_\_\_\_\_. **Kritik der reinen Vernunft.** Riga: verlegt Johann Friedrich Hartknoch, 1781, pp. I-XXIV, 856p.

\_\_\_\_\_. **Physische Geographie.** 4 vol. Mainz und Hamburg: Gottfried Vollmer, 1801-1805.

KJELLÉN, Rudolf. **Der Staat als lebensform.** Zweite Auflage. Leipzig: Verlag von S. Hirzel, 1917, pp. I-IX. 340p.

\_\_\_\_\_. **Staten som lifsform.** Stockholm: Hugo Gebers Förlag, 1916, pp. I-XII, 188p. (Politiska Handböcker; III)

MARTINS, Élvio Rodrigues. *Anotações de aula.* **Ontologia e Epistemologia em Geografia.** FFLCH/DEGEO-USP, 2013. [Curso de extensão universitária - como aluno especial]

\_\_\_\_\_. *Pensamento geográfico é geografia em pensamento.* In: KATUTA, Ângela Massumi [et al.]. **Geografia e mídia impressa.** Londrina: Moriá, 2009. 264p.

\_\_\_\_\_. *Geografia e Ontologia: o fundamento geográfico do ser.* In: **GEOUSP – Espaço e Tempo.** São Paulo, nº 21, pp. 33-51, 2007.

\_\_\_\_\_. *Geografia e Ontologia.* In: **X Encontro de geógrafos da América Latina – Por uma geografia latino-americana: do labirinto da solidão ao espaço da solidariedade.** Resumos. São Paulo: DP/FFLCH, 2005. 480p. Caderno de resumos.

\_\_\_\_\_. **Da Geografia à Ciência Geográfica e o Discurso Lógico.** Tese de doutorado. Departamento de Geografia, FFLCH - USP. São Paulo, 1996. 319p.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica.** 21ª ed. São Paulo: Annablume, 2007. 152p. (Coleção Geografia e Adjacências)

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Percepção e Representação Gráfica: A “Geograficidade” nos Mapas Mentais dos Comandantes no Amazonas.** Tese de doutorado. Departamento de Geografia da USP. São Paulo, 2001. 181p.

RATZEL, Friedrich. **Geografia dell'uomo (Antropogeografia):** principi d'applicazione della scienza geográfica alla storia. Primo volume. (Tradotta da Ugo Cavallero) Torino: Fratelli Boca Editore, 1914. 596p.

\_\_\_\_\_. **Anthropogeographie:** die geographische verbreitung des menchen. Zweite Auflage. Zweiter Teil. (Herausgegeben von Ernst Friedrich) Stuttgart: Verlag von J. Engelhornes Nachf, 1912, pp. I-XXX. 605p.

\_\_\_\_\_. **Anthropogeographie:** grundzüge der anwendung der erdkunde auf die geschichte. Dritten Auflage. Erster Teil. (Herausgegeben von Prof. Dr. Albrecht Penck) Stuttgart: Verlag von J. Engelhornes, 1909, pp. I-XVI. 400p.

\_\_\_\_\_. **Politische Geographie oder die Geographie der Staaten, des Verkehrs und des Krieges.** von Dr. Friedrich Ratzel. München und Berlin. Zweite auflage. Druck und Verlag von R. Oldenbourg, 1903, pp. I-XVII, 838p.

\_\_\_\_\_. **Die Erde und das Leben:** Eine vergleichende Erdkunde. 2 vol. Leipzig und Wien: Bibliographisches Institut, 1901-1902.

\_\_\_\_\_. **Der Staat und sein Boden geographisch betrachtet.** Leipzig: S. Hirzel, 1896. 127p.

\_\_\_\_\_. **Völkerkunde.** 3 vol. Leipzig: Verlag des Bibliographisches Institut, 1885-1888.

RECLUS, Elíseo. **El hombre y la tierra.** 6 vol. (Versión española por A. Lorenzo; bajo la revisión de Odón de Buen) Barcelona: Escuela Moderna, 1906-1909.

RECLUS, Elisée. **L'homme et la terre.** 6 vol. Paris: Librairie Universelle, 1905-1908.

RICHTHOFEN, Ferdinand Freiherr von. **Aufgaben und Methoden der heutigen Geographie.** Akademische Antrittsrede, gehalten in der Aula der Universität Leipzig am 27. April 1883. Leipzig: Verlag Veit und Comp, 1883, 72p.

RITTER, Carl. **Allgemeine Erdkunde:** Vorlesungen an der Universität zu Berlin gehalten. Herausgegeben von Hermann Adalbert Daniel. Berlin: Druck und Verlag von Georg Reimer, 1862. 240p.

\_\_\_\_\_. **Einleitung zur allgemeinen vergleichenden Geographie,** und Abhandlungen zur Begründung einer mehr wissenschaftlichen Behandlung der Erdkunde. Berlin: Druck und Verlag von Georg Reimer, 1852. 246p.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova:** da crítica da geografia a uma geografia crítica. (1ª ed. 1978). 6ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Edusp, 2008. 288p. (Coleção Milton Santos; 2)

SCHELLING, F. W. J. **Escritos sobre filosofía de la naturaleza.** (Estudio preliminar, traducción y notas de Arturo Leyte) Madrid: Alianza Editorial, 1996. 280p. (Colección Alianza Universidad)

\_\_\_\_\_. **Ideen zu einer philosophie der natur. Als einleitung in das studium dieser wissenschaft.** Zweite durchaus verbesserte und mit berichtigenden Zusätzen vermehrte Auflage. Ester Theil. Landshut: Philipp Krüll, 1803. 493p.

\_\_\_\_\_. **Ideen zu einer Philosophie der Natur.** Erstes, zweites Buch. Leipzig: Breitkopf und Härtel, 1797. 262p.

SILVA, Armando Corrêa da. *A Aparência, o Ser e a Forma (Geografia e Método)*. In: **GEOgraphia**, Niterói, v. 02, nº 03, pp. 07-25, 2000. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/27/25>>. Acesso em 17 de julho 2011.

\_\_\_\_\_. **Geografia e Lugar Social.** São Paulo: Contexto, 1991. 144p. (Coleção Caminhos da Geografia)

\_\_\_\_\_. **De quem é o pedaço?** Espaço e Cultura. São Paulo: Hucitec, 1986.168p. (Coleção Geografia: teoria e realidade)

\_\_\_\_\_. **O Espaço Fora do Lugar.** Segunda edição. São Paulo: Hucitec, 1988. 128p. (Coleção Geografia: teoria e realidade)

\_\_\_\_\_. **Cinco Paralelos e Um Meridiano:** contribuição ao Discurso Geográfico Teórico. (Livre-docência em Geografia). São Paulo: Instituto de Geografia da USP, 1979. 150p.

SILVEIRA, Roberison Wittgenstein Dias da. *Na Trilha de uma Geografia Filosófica*. In: **XIV EGAL - 14º Encuentro de Geógrafos de América Latina** (Reencuentro de Saberes Territoriales Latonamericanos). Lima, 2013. 15p. Disponível em: <<http://www.egal2013.pe/1-enfoques-teoricos-metodologicos-de-la-geografia/>>. Acesso em 15 de fevereiro de 2014.

SOUZA, Marquessuel Dantas de. *Merleau-Ponty e sua influência na Geografia Humana: ensaio para uma geografia fenomenológica*. In: **GeoAtos (Geografia em Atos)**. Presidente Prudente, v. 01, n. 15, pp. 01-12. 2015. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/view/2853/2994>>. Acesso em: 04 de setembro 2015.

\_\_\_\_\_. *Geografia e Fenomenologia: Merleau-Ponty e sua influência na Geografia Humana*. In: **Caminhos de Geografia**. Uberlândia, v. 14, n. 46, pp. 265-272, Jun/2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/17889/12825>>. Acesso em: 03 setembro 2013.

\_\_\_\_\_. **Geografia e Percepção:** uma interpretação introdutória a partir da fenomenologia de Merleau-Ponty. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2012. 134p.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. **Princípios de geografia humana**. Lisboa: Cosmos 1954, pp. I-XXXI, 390p.

\_\_\_\_\_. **Principes de géographie humaine.** (Manuscrits publiés par Emmanuel de Martonne). Paris: Armand Colin, 1922, pp. I-VII, 327p.

\_\_\_\_\_. **La France de l'Est** (Lorraine-Alsace). Deuxième édition. Paris: Librairie Armand Colin, 1918, pp. I- VIII, 280p.



\_\_\_\_\_. *Des caracteres distinctifs de la géographie*. In: **Annales de Géographie**. Paris, t. 22, n° 124, pp. 289-299, 1913.

\_\_\_\_\_. **La France**: tableau géographique. Paris: Librairie Hachette & C<sup>ie</sup>. 1908, pp. I-VIII, 365p.

WEGENER, Alfred. **El Origen de los Continentes y Océanos**. (1<sup>a</sup> ed. 1915). (Tradução de Francisco Anguita Virella e Juan Carlos Herguera Garcia). Madrid: Ediciones Pirámide, S. A., 1983. 230p.

\_\_\_\_\_. **La Genèse des Continents et des Océans**: théorie des translations continentales. (1<sup>a</sup> ed. 1915). (Nouvelle traduction française d'après la cinquième et dernière édition allemande par Armand Lerner). Paris: Librairie Nizet et Bastard, 1937. 236p.

\_\_\_\_\_. *Die Theorie der Kontinentalverschiebungen*. **Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin**. Berlin: Organ der Deutschen Geographischen Gesellschaft, pp. 89-103. 1921.

\_\_\_\_\_. **Die Entstehung der Kontinente und Ozeane**. Zweit auflage. Braunschweig: Druck und Verlag von Friedr. Vieweg & Sohn, 1920, pp. I-VIII, 135p.